

NARRATIVAS FOTOJORNALÍSTICAS: mapeamento dos textos apresentados entre 2010 e 2014 nos eventos científicos da Compós, da Intercom e da SBPJor-Parte II¹

Diogo AZOUBEL²
Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba - SP

RESUMO

O texto contém resultados parciais do mapeamento iniciado em março de 2015 sobre como o fotojornalismo tem sido pensado nas pesquisas apresentadas em grandes eventos científicos da Comunicação nacional. Tanto quanto na Parte I, a investigação é empreendida à luz dos métodos de abordagem dialético e de procedimento comparativo, monográfico e estatístico. Os resultados indicam que menos de 5% do total de textos analisados constitui publicações indexadas, sendo todos assinados por pesquisadores. Igualmente, o uso de análises comparativas em 70% dos 63 trabalhos é limitado à abordagem de veículos comunicacionais, práticas e rotinas produtivas e aos registros fotográficos em si. Por fim os temas dos estudos sobre fotojornalismo tupiniquim são, basicamente, guerras, política, esportes, conflitos sociais, tragédias, tensões, mais esportes, dor e sofrimento.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; fotojornalismo; Compós; Intercom; SBPJor.

Cada ferida é uma lição, e cada lição nos torna melhores.
(Syrio Forel.
George R. R. Martin - As Crônicas de Gelo e Fogo)

1 INTRODUÇÃO

A nossa intenção nesta parte da pesquisa é dar continuidade ao mapeamento das narrativas que problematizam o fotojornalismo no Brasil. Com base nos textos apresentados nos eventos científicos da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Possui especialização em Jornalismo Cultural na Contemporaneidade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e MBA em Marketing Estratégico e Comunicação pela Universidade Gama Filho (UGF). É graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e em Rádio e TV (ambas pela UFMA); e em Letras: Português/Inglês pela Universidade Ceuma. E-mail: diogoazoubel@gmail.com.

(SBPJor), entre 2010 e 2014, o foco da investigação é ampliar as discussões científicas com base empírica no campo da Comunicação.

Ida Stumpf explica, em *Pesquisa bibliográfica*, o porquê os pesquisadores devem revisar o que já foi escrito sobre o objeto do estudo empreendido. Dentre os motivos apresentados, destacamos a possibilidade de avançar em questões anteriormente estudadas sem, necessariamente, despendar esforços para encontrar respostas já dadas por outros pesquisadores. Além disso, é imprescindível a divulgação do resultado dos estudos científicos diante do processo de revisão constante que se apresenta no meio acadêmico (STUMPF, 2011, p. 52), posicionamento que nos ajuda a fortalecer os encaminhamentos dados a este estudo.

Para Stumpf, tal revisão de literatura precede, inclusive, a definição do problema de pesquisa e acompanha o pesquisador durante todo o seu percurso investigatório. Afinal, afirma buscando as palavras de Conway e McKeley (1910), os problemas evoluem com o próprio sujeito e, por isso, precisam estar alicerçados nos desígnios individuais e lapidados conforme a revisão da literatura avance, bem como o trabalho prático – na nossa percepção. Pois, é pela leitura de pesquisas anteriores que o investigador pode encontrar instrumentos a serem usados ou adaptados às suas necessidades (STUMPF, 2011, p. 53-4).

Acreditamos que não se trata, entretanto – como afirma a autora ao buscar as palavras de Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos –, de ler tudo o que já foi produzido sobre seu objeto de pesquisa, haja vista que isso é humanamente impossível e que, ainda hoje, a evolução das técnicas de pesquisa e armazenamento de dados não são capazes de dar conta da totalidade do que é produzido/publicado (pelas mídias impressas ou digitais) mundo adentro; mas da delimitação espaço-temporal do objeto de estudo como etapa fundamental para o bom encaminhamento do trabalho.

Cumpramos pontuar que nas pesquisas internacionais o foco encontra-se nos estudos dos últimos cinco anos, uma vez que eles, se bem revisados, incorporam os principais achados dos estudos anteriores. Igualmente, a elaboração de um esquema de pesquisa provisório e a definição de termos ou de palavras-chave para pesquisa de literatura pertinente são consideradas etapas de uma revisão bem-sucedida, que deve contemplar – especialmente, mas não apenas – os autores mais significativos no campo em questão (STUMPF, 2011, p. 55 e 58).

2 METODOLOGIA

Tanto quanto na primeira parte desta, enveredamos por caminhos de tradição anglo-saxônica para buscar respostas ao nosso problema de pesquisa. Igualmente, partimos de parte dos achados compartilhados em sete artigos científicos (AZOUBEL, 2015a., 2015b., 2015c., 2015d., 2015e., 2015f., e 2015g.), circulados nos âmbitos do encontro nacional e dos encontros regionais da Intercom 2015 (Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sudeste); do encontro anual da SBPJor e de eventos acadêmicos da Uniso.

Permanecemos à luz dos métodos de abordagem dialético e de procedimento comparativo, monográfico e estatístico (MARCONI; LAKATOS, 1991); bem como com o recorte básico de textos científicos. O *corpus* desta investigação é composto por 63 artigos nos quais o termo “fotojornalismo” consta entre as palavras-chave apresentadas. Não se trata, entretanto, como estabelecemos preliminarmente, de “único critério possível [...], uma vez que alguns textos que o problematizam não contêm o termo ‘fotojornalismo’ como palavra-chave. Outros, de maneira oposta, contêm o termo, mas não abordam o tema” (AZOUBEL, 2016, p. 4).

Para coleta, análise prévia e validação dos dados, visitamos as bases de dados dos sítios da [Compós](#), em 19 de março de 2015; da [SBPJor](#), em 13 de abril de 2015; e da [Intercom](#), em 15 de maio de 2015. Na mesma direção, mantivemos os nomes dos autores como no corpo de cada trabalho e na ordem em que eles são dispostos. Tanto quanto na primeira parte desta pesquisa, as análises que seguem estão em ordem alfabética do nome dos eventos (Compós, Intercom Nacional, Intercom Regional e SBPJor).

Para tratamento dos dados, optamos pelo arredondamento dos números percentuais para mais ou para menos (AZOUBEL, 2016, p. 6). Já para contagem do gênero + titulação, e em caso de mais de uma entrada para o mesmo autor em anos diferentes – pesquisas distintas –, decidimos contabilizar a maior titulação citada, fosse ela em andamento ou concluída. Especialmente sobre o artigo marcado como “nulo”, esse não entrou na contagem por não se tratar de pesquisa conduzida unicamente em território brasileiro, mas em colaboração com instituição australiana (*Queensland University of Technology*).

Ainda sobre o trabalho com os dados relativos ao perfil dos pesquisadores, buscamos junto às instituições organizadoras de cada evento científico (Compós, Intercom e SBPJor) informações sobre a distribuição dos participantes por categorias (acadêmicas, geográficas, de gênero etc.) a fim de amparar as discussões encaminhadas em um contexto mais amplo do que o que se relaciona exclusivamente com o fotojornalismo. A intenção fora comparar a radiografia ora exposta com o panorama geral de cada evento científico. Entretanto, isso

não nos foi possível haja vista que até o momento de fechamento da pesquisa nossas tentativas de contato, seja por telefone ou por e-mail, não lograram êxito para obtenção de tais dados.

Ampliação

Quando pensamos em ampliar o alcance deste mapeamento, imediatamente acreditamos que a inclusão do [Google Acadêmico](#) potencializaria o impacto da nossa investigação. Assim, refletimos sobre os critérios que norteariam a nossa busca e sobre como confrontar os dados coletados e, posteriormente, consolidados com os que foram extraídos das bases de dados digitais dos eventos científicos com os quais trabalhamos neste texto. Imaginamos dividir os dados em blocos, ficando o primeiro deles com os dados da Compós, da Intercom e da SBPJor e o segundo com os dados do Google Acadêmico. Naquele momento, acreditamos ainda que a aglutinação do [Portal Periódicos Capes](#) no segundo bloco confirmaria a nossa intenção de radiografar o mais detalhadamente possível a produção científica sobre fotojornalismo no Brasil entre 2010 e 2014.

Em 23 de outubro de 2015, visitamos as bases de dados digitais do Google e da Capes e, tanto quanto nas demais bases, buscamos pelo termo “fotojornalismo”. Aquela busca preliminar revelou-se verdadeiramente útil uma vez que, ao expor cerca de 1.860 resultados na primeira das bases e 30 na segunda, nos permitiu optar pelos caminhos mais viáveis à condução deste estudo. Ora, bastaria então descartar os dados do Google Acadêmico e aglutinar os do Portal Periódicos Capes. Mas tais escolhas nunca são tão simples como podem parecer. Como poderíamos trabalhar comparativamente com um bloco praticamente três vezes maior que outro? Estaríamos sendo tendenciosos na análise dos dados.

Pensando nisso, em 15 de fevereiro de 2016, refizemos a busca considerando a inclusão dos dados extraídos do Google Acadêmico como auxiliares aos que neste texto são analisados; e os do Portal Periódicos Capes como complementares. Com o crescimento dos números, conforme segue, fora tomada a decisão: fim dos blocos. Por questões logísticas, as milhares de ocorrências no Google são apresentadas como apêndice, ao contrário das ocorrências do Portal de Periódicos Capes, que são usadas como instrumental para compreender de que forma os artigos científicos apresentados em eventos científicos da Comunicação no Brasil são processados para constituírem literatura especializada em periódicos da Área. Seriam as publicações todas resultadas das discussões nos encontros, congressos e seminários? Quais periódicos despontam como os mais “populares” entre os

investigadores deste tema? E que outras descobertas poderemos fazer ao nos debruçar sobre tais dados? É o que discutimos adiante.

Antes, porém, convém estabelecer como os dados das duas bases foram raspados (termo técnico do jornalismo de dados para designar a coleta de dados em grande quantidade), especialmente os do Google Acadêmico dado o grande volume ali. Como citado anteriormente, a palavra-chave usada nas buscas foi “fotojornalismo”. No Portal Periódicos Capes foram encontrados 108 registros em vez dos 30 da pesquisa preliminar. A definirmos o português como idioma padrão esse total caiu para 82 e, posteriormente, para 45 quando os anos de 2010 e de 2014 foram estabelecidos como limites temporais. Desses, 25 são artigos científicos, sendo dois publicados em periódicos revisados por pares. A mesma palavra-chave revelou no Google Acadêmico cerca de 3.800 resultados em vez de cerca de 1.860 expostos em fevereiro de 2016. Ao excluirmos as patentes, esse total permaneceu o mesmo e diminuiu quando também optamos pela exclusão das citações no protocolo de busca. Dos agora cerca de 3.320 resultados, 1.830 dizem respeito ao lapso temporal compreendido entre 2010 e 2014. Por sugestão dos algoritmos do Google, e nas definições padrão para buscas, optamos pelo português como idioma padrão. O total revelado foi de 1.790 ocorrências dos mais diversos tipos, entre dissertações, teses e demais textos postados, por exemplo, nos sítios de universidades brasileiras.

Tal fato ratificou a decisão de não incluir como apêndices os dados do Google Acadêmico, haja vista que não nos foi possível naquele momento – e por limitações do próprio buscador - restringir a busca aos artigos científicos. Porém, ainda era preciso raspar os vultosos dados. Sem considerar conduzir o processo manualmente copiando do buscador e colando cada ocorrência em um documento de texto, optamos pelo uso da extensão *Web Scraper* no navegador Chrome. Ofertada por Martins Balodis, a ferramenta é descrita como:

“[...] uma extensão do navegador Chrome construída para extração de dados de páginas web. Usando esta extensão você pode criar um plano (mapa do sítio) sobre como aquele sítio deve ser explorado e o que deve ser extraído. Usando tais mapas o Web Scraper navega pelo sítio para extração de todos os dados selecionados. Feita a raspagem dos dados é possível exportar os dados como CSV (*Comma-separated values*)”³ (*WEB SCRAPER*, s/a, s/p, em nossa livre tradução).

³ Original: “[...] a chrome browser extension built for data [...] extraction from web pages. Using this extension you can create a plan (sitemap) how a web site should be traversed and what should be extracted. Using these sitemaps the Web Scraper will navigate the site accordingly and extract all data. Scraped data later can be exported as CSV”.

Feita a escolha, era hora de criar os planos de trabalho para efetivação da raspagem. Depois de alguns testes, criamos um plano no qual cada ocorrência no Google fora interpretada como “elemento” de dentro do qual endereços para localização dos textos (*links* na extensão) e os títulos dos mesmos (texto) deveriam ser extraídos. A solução funcionou perfeitamente exceto pelo fato de que apenas 983 ocorrências foram mostradas pelo buscador antes de executado nosso plano de trabalho. As imagens da operação (ou *prints*) que se encontram conosco e que – tanto quanto o apêndice anteriormente citado – podem ser acessadas mediante solicitação prévia demonstram que, a despeito dos cerca de 1.790 resultados possíveis revelados em nossa jornada, apenas 50 das 90 páginas com 20 resultados necessárias para abarcar esse todo estavam disponíveis para exploração mesmo sem o uso do Web Scraper. Tal conta (50 x 20) totalizaria 1.000 ocorrências não fora o fato de que a página 50 continha apenas três resultados (1.000 – 17 = 983). Seria um *bug* no buscador? Não somos capazes de responder, especialmente por não se esse o nosso foco. Fato é que a tabela com o que fora extraído, exportado como CSV e consolidado com um aplicativo de tratamento de dados, também encontra-se disponível conosco para apreciação mediante solicitação.

Sobre o trabalho com os dados raspados do Portal de Periódicos Capes, esse se deu de maneira comparativa para identificação das ocorrências de textos que aparecem nas duas bases de dados. Assim, nos foi possível inferir sobre o impacto das pesquisas circuladas nas instâncias de debate científico citadas nos periódicos indexados da nossa Área, a fim de pontuar quantos e quais trabalhos advindos dos eventos da Compós, da Intercom (nacional e regionais) e da SBPJOR se estabelecem também como publicações específicas.

Categorização das pesquisas

Sem qualquer desejo de padronizar ou de construir modelos engessados, o método de procedimento comparativo nos permitiu romper com o senso comum e com as respostas prontas advindas de práticas não reflexivas. Nessa direção, recorreremos à metodologia proposta por Luís Mauro Sá Martino em *Trilhas de um espaço de pesquisa: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós* (2014) no sentido de explorar os artigos científicos citados e de tentar categorizá-los de alguma forma em conjuntos criados a partir da nossa leitura de mundo e das questões ligadas ao tema.

A ideia central dessa categorização é estabelecer, mesmo que previamente, elos entre os textos a fim de problematizar os principais enfoques dado às pesquisas sobre o fotojornalismo tupiniquim. Para isso, e a exemplo do que fora feito por aquele autor:

Trata-se de um levantamento a partir do qual se podem tecer reflexões, evitando qualquer pretensão de validade imediata ancorada em dados numéricos – que aparecem aqui antes como “pretextos”, no sentido dado por Bachelard (1977), do que como afirmações ou certezas (MARTINO, 2014, p. 162).

Nessa esteira, buscamos no título/subtítulo, resumo e palavras-chaves de cada pesquisa os “traços comuns” sobre os quais nos ele fala. São temáticas por nós interligadas a partir da leitura do que é posto e também do que não é posto naquelas linhas. A divisão proposta se deu arbitrariamente, haja vista o argumento de que “seria no mínimo questionável reduzir um trabalho a uma única categoria” (MARTINO, 2014, p. 165). Longe disso, destacamos os pontos mais pungentes das argumentações dos autores dos textos analisados para, como colocado anteriormente, identificar elementos comuns, espécies de aproximações possíveis.

Igualmente, e ainda seguindo a metodologia adotada por Martino, nos casos em que um mesmo texto pudesse ser encaixado em mais de uma categoria, optamos pela que mais é acentuada em cada trabalho. Por fim, criamos duas categorias complementares que nos ajudaram a aglutinar os textos em cada rubrica. A primeira diz respeito aos textos que lançam mão da análise comparativa (de imagens, veículos, *práxis* etc.) para abordagem do tema; e a segunda aos textos decorrentes de outras pesquisas, sejam elas concluídas ou em produção.

Por fim, e partindo exclusivamente das palavras-chaves citadas em cada estudo, elaboramos cinco nuvens de vocábulos – uma relativa a cada instância de debate científico citada e uma global – a fim de estabelecer os termos recorrentemente usados para tratar cientificamente do fotojornalismo no Brasil entre 2010 e 2014. Para tanto, em 10 de março de 2016, usamos a ferramenta em linha [Tagul](#) que, de maneira instantânea e altamente intuitiva, nos permitiu criar cada nuvem com as palavras-chaves extraídas dos artigos científicos e aglutinadas em um mesmo arquivo de texto por evento.

Mais detalhes da metodologia utilizada podem ser consultados em *NARRATIVAS FOTOJORNALÍSTICAS: mapeamento dos textos apresentados entre 2010 e 2014 nos eventos científicos da Compós, da Intercom e da SBPJor-Parte I*, disponível nos anais do Intercom Sudeste 2016.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta subseção a ideia é cruzar alguns dos dados citados na primeira parte da pesquisa a fim de melhor observar a produção científica sobre fotojornalismo no Brasil. Por isso, o [Conjunto de Gráficos 1](#)⁴ foi pensado para demonstrar como o gênero dos pesquisadores se apresenta por ano. Assim, autores que assinam mais de um artigo científico no período delimitado foram contados proporcionalmente. Em 2010, 60% dos autores são do gênero masculino (três indivíduos) e 40% do feminino (dois indivíduos). Em 2011 essa diferença se inverte com 53% de pesquisadoras (oito indivíduos) contra 47% de pesquisadores (sete indivíduos). Já em 2012 os números percentuais são quase os mesmos, embora contrários aos do ano anterior, sendo 52% de pesquisadores do gênero masculino (11 indivíduos) contra 48% do gênero feminino (dez indivíduos). Por fim, em 2013 e em 2014 as pesquisadoras dominam o cenário de pesquisas sobre fotojornalismo com 54% e 67% (sete e dez indivíduos respectivamente) contra 46% e 33% de pesquisadores (seis e cinco indivíduos respectivamente em cada ano).

Sobre a distribuição desses pesquisadores nos estados e regiões brasileiros, o [Conjunto de Gráficos 2](#) contém informações sobre como os gêneros feminino e masculino se alternam em predominância em partes diferentes do País. As pesquisadoras são maioria em estados como Pernambuco (quatro mulheres contra três homens), São Paulo (11 contra cinco) e Paraná (dez contra sete). Já em estados como Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro os pesquisadores dominam (dois contra um e quatro contra dois respectivamente). Outrossim, as regiões Sudeste (com 24% do total de autores contra 15%) e Sul (com 19% contra 15%) são encabeçadas por elas, ao passo que a Região Nordeste (12% contra 10%) é de domínio masculino. Na Região Norte os homens não enfrentam concorrência e detêm 3% do total, ao passo que na Região Centro-Oeste não há qualquer ocorrência de pesquisadores ligados às Instituições de Ensino Superior (IES) ali situadas. Há ainda uma ocorrência de pesquisadora ligada à instituição de ensino australiana que não aparece nos mapas.

No que toca à distribuição dos pesquisadores por IES, a [Tabela 1](#) contém dados que demonstram o desequilíbrio de como algumas instituições abrigam mais ou menos pesquisadores dos gêneros feminino e masculino. Organizada alfabeticamente pelo nome da IES, na tabela é possível notar, por exemplo que pouco mais de um terço (11) delas sustenta

⁴ Tanto quanto anteriormente, e dada a limitação espacial deste artigo, as tabelas e os gráficos – isolados ou em conjunto – que dialogam com os números discutidos podem ser visualizados no álbum [Narrativas fotojornalísticas II](#), criado no Google Photos para possibilitar a leitura conjunta do texto e das imagens em abas distintas do seu navegador de Internet.

pesquisas efetivadas por investigadores dos dois gêneros. Do total de 30 instituições identificadas, 12 subsidiam exclusivamente o trabalho de pesquisadoras, como a Unesp, FCL e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bem como a instituição australiana *Queensland University of Technology*; e sete o de pesquisadores, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Estácio de Sá do Pará, a Universidade Federal do Ceará (UFCE) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Quando cruzamos os dados referentes ao gênero dos pesquisadores e à formação dos mesmos fica claro que as mulheres são maioria em quase todas as categorias, fato demonstrado na [Tabela 2](#). As exceções estão a cargo dos pesquisadores especialistas (E) e dos doutores (D), categorias nas quais os homens são maioria com 5% contra 2% e 14% contra 2% (três contra um e oito contra um indivíduo respectivamente). Nas categorias graduações em andamento (GA) e especialização em andamento (EA) elas sequer enfrentam concorrência e acumulam simultaneamente 2% do total (com um indivíduo em cada). Nesse sentido, a principal diferença fica por conta dos mestrados em andamento (MA), 22% contra 7% (13 contra quatro indivíduos); dos doutorados em andamento (DA), 12% contra 8% (sete contra cinco indivíduos); dos pós-doutorados em andamento (PDA), 3% contra 2% (dois contra um indivíduo); e dos pós-doutores (PD), 5% contra 2% (três contra um indivíduo), categorias nas quais elas se inserem com maior impacto. Na categoria mestres (M), elas e eles se inserem igualmente com 7% cada (quatro indivíduos).

A respeito da titulação de tais pesquisadores, elaboramos o [Conjunto de Gráficos 3](#) para demonstrar como os títulos obtidos ou em andamento são distribuídos por ano. Isso nos ajuda a perceber o impacto da produção de pesquisadores ligados à programas de pós-graduação *stricto sensu*, uma vez que em 2010, por exemplo, 80% dos autores eram discentes de mestrados ou de doutorados (dois indivíduos cada) e 20% já detinham o título de doutor (um indivíduo). Em 2011 e em 2013 o número de mestrados a pesquisar o tema supera todas as demais categorias: 40% (seis de 15 indivíduos) e 31% do total (quatro de 13 indivíduos). Já em 2012 e em 2014 os doutorandos são maioria com 29% (seis de 21) e 20% (três de 15 indivíduos respectivamente).

Finalmente, no que se refere às IES, à titulação e aos estados e regiões aos quais se ligam os pesquisadores citados, a [Tabela 3](#) e a [Tabela 4](#) – assim divididas para dar conta dos títulos obtidos e dos em andamento respectivamente – contêm dados que nos permitem visualizar o perfil dos investigadores. A UEL, por exemplo, é a instituição que mais reúne especialistas, dois indivíduos; já a Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) é a

que mais reúne mestres (dois indivíduos). As Universidades Federal de Juiz de Fora (UFJF), a UFCE e a UFPE junto com a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) aglutinam os maiores números de doutores, dois cada uma. Vêm da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) o maior número de pós-doutores que pesquisaram o fotojornalismo entre 2010 e 2014 (dois indivíduos). Entre as regiões que mais se destacam no tocante ao número de títulos obtidos estão a Sul com três pós-doutores, cinco doutores, quatro mestres e três especialistas; a Sudeste com um pós-doutor, cinco doutores e três mestres; e a Nordeste com um pós-doutor, quatro doutores e dois mestres. A Região Norte conta com um mestre e com um especialista.

Em relação aos títulos em andamento (ou em processo de obtenção), a Universidade do Vale do Itajaí (Univali) é a única IES a abrigar um pesquisador do fotojornalismo com graduação em andamento. Da mesma forma, a UEL é a única a subsidiar um pesquisador com especialização em andamento. Sobre os mestrados, UFPE, FCL e UEPG acumulam, cada uma, quatro estudantes. No que toca aos doutorandos, esses estão ligados à PUC-SP (três indivíduos), à UFPE, UFMG, UFRJ e à Unesp, que acumulam dois indivíduos cada uma. Finalmente, a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a USP subsidiam as pesquisas de três pós-doutorandos, um em cada IES. Sobre as regiões, a Sudeste é a que acumula mais pós-doutorandos (dois indivíduos), seguida pela Região Sul (um indivíduo). Os doutorandos são maioria na Região Sudeste (13 indivíduos), que é seguida pelas regiões Nordeste e Sul (quatro e um indivíduo respectivamente). A única pesquisadora ligada à instituição estrangeira é doutoranda da *Queensland University of Technology* e está marcada como “nulo” na tabela. Os mestrados estão distribuídos igualmente nas regiões Sudeste e Sul (nove indivíduos), que são seguidas pela Região Nordeste (cinco indivíduos). Por fim, a Região Sul é a única a abarcar estudantes de especialização e de graduação pesquisando o fotojornalismo tupiniquim (um indivíduo cada).

Categorização das pesquisas

Como estabelecido anteriormente, seguem categorizados os artigos científicos que analisamos. Tratam-se de elos, aproximações possíveis advindas de nossa leitura sobre o que é e o que não é dito nas seções título/subtítulo, resumo e palavras-chave dos textos sendo, portanto, arbitrárias. Nesse sentido, nossa intenção é organizar as categorias por ordem decrescente para demonstrar a predominância de abordagens sobre o fotojornalismo

tupiniquim nos estudos efetivados entre 2010 e 2014 e circulados nos âmbitos dos eventos científicos da Compós, da Intercom, e da SBPJor.

Na [Tabela 5](#) estão dispostas as sete categorias que designamos para aglutinar os textos. Dentro de cada uma delas encontra-se uma subdivisão na qual alguns números estão marcados com “@” que diz respeito aos estudos efetivados com o uso de análise comparativa – de textos verbais ou não, veículos, modos de fazer etc. – a fim de que seja demonstrada a predominância desse tipo de técnica na condução dos estudos sobre fotojornalismo no Brasil. Há, ainda, um único texto a usar técnicas de pesquisa declaradamente quantitativas. O mesmo foi marcado com “#”.

Com 32% do total de textos (20 registros), a categoria *Fotojornalismo e configuração social* abarca produções que refletem o papel dos registros imagéticos na configuração do mundo. Dos conflitos bélicos aos eventos esportivos de grande impacto, como a Copa do Mundo Fifa, os artigos aglutinados nessa categoria problematizam o peso das imagens fotográficas jornalísticas na compreensão dos fatos sociais. Com 19% (12 textos), a categoria *Discursividade imagética* aglutina pesquisas sobre os discursos das imagens e sobre as formas de ver o mundo por meio delas. São reflexões sobre os regimes visuais da fotografia e sobre como esses regimes impactam no mundo globalizado, a exemplo da dor e do sofrimento alheios.

Completando o top 3 das categorias com 16% (dez registros), *Configuração técnica e plástica do fotojornalismo* reúne produções sobre as modificações no fazer fotojornalístico em termos tecnológicos e estéticos, bem como os impactos de tais modificações no fazer, na percepção e leitura das imagens, tais como o surgimento e configuração dos coletivos fotográficos. Já *Práxis fotojornalística* compreende 13% dos 63 textos analisados (oito pesquisas). Nessa categoria estão incluídas as reflexões sobre a prática do fotojornalismo em veículos, locais e lapsos temporais distintos: das salas de aulas das faculdades de comunicação às ruelas das favelas do Rio de Janeiro, por exemplo. Empatadas com 10% (seis registros), as categorias *Espistemologia do fotojornalismo* e *Fotojornalismo e convergência midiática* envolvem, respectivamente, pesquisas sobre os postulados do campo e sobre as implicações do fazer fotojornalísticos em um contexto de convergência (e por que não de diálogo?) midiática. São reflexões sobre a própria configuração do fotojornalismo enquanto área do conhecimento humano e sobre as interfaces dela com outras linguagens, tais como a do cinema.

Na lanterna dessa classificação, a categoria *Mapas e rastros* envolve com 2% o único texto do nosso *corpus* semelhante a esta pesquisa: *Um mapeamento dos estudos sobre fotojornalismo no Brasil (2002-2011)* (2012), assinado por Jorge Carlos Felz Ferreira. Nesse artigo científico, o autor delimita suas intenções de maneira bem próxima ao que nos propomos fazer. Trata-se, nas palavras dele, de um “panorama do atual estágio dos estudos sobre a aplicação da fotografia no jornalismo” que tem como resultado a reflexão sobre “a falta de pesquisas sobre o tema”.

Outro dado a ser citado diz respeito à quantidade de estudos efetivados por meio de análises comparativas. Em resumo, todos os 63 artigos científicos partem da revisão bibliográfica (e, em alguns casos, documental) para sustentação dos argumentos que abarcam. A única instância de debate científico na qual a análise não é usada e a Compós. Por questão de proporção, o Intercom Nacional é o que mais reúne textos elaborados nessa perspectiva: 29 de 34; seguido pelo Intercom Regional, com nove de 12; e pela SBPJor: com seis de 13.

Cumprido destacar que dos 63 textos analisados 16% (dez deles) são claramente citados como frutos de pesquisas efetivadas ou em realização, sendo cinco no Intercom Nacional, três na SBPJor e duas no Intercom Regional. Igualmente, e no que toca aos dados do Portal de Periódicos Capes, menos de 5% do total de artigos (três estudos) circulados nos eventos científicos analisados foram publicados em periódicos indexados e não revisados por pares, são eles:

- *Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência*, de José Afonso da Silva Junior (doutor vinculado à UFPE). Original circulado na Compós, no GT Estudos de Jornalismo, em 2011, e publicado na revista [Discursos Fotográficos](#), da UEL, vol.: 8, n.: 12 (p. 31-52) (2012);

- *Criando ícones: a construção da memória das guerras pelas fotos*, de Vinicius Souza (doutorando vinculado à Unip). Original circulado no Intercom Sudeste, no DT Comunicação Audiovisual, em 2013, e também publicado na revista *Discursos Fotográficos*, da UEL, vol.: 10, n.: 16 (p. 85-109) (2014);

- *Sentido visual e vetores de imersão: três regimes plásticos da implicação do espectador nas formas visuais do fotojornalismo*, de Benjamim Picado (doutor vinculado à UFF). Original circulado na Compós, no GT Comunicação e Experiência Estética, em 2011, e publicado na revista [Galáxia](#), da PUC-SP, n.: 22 (p. 53-66) (2011) .

Em comum, os três textos são assinados por pesquisadores do gênero masculino. Dois deles (o primeiro e o terceiro) foram apresentados no mesmo encontro e ano (Compós de 2011); e dois foram publicados na mesma revista (o primeiro e o segundo), a *Discursos Fotográficos*, da UEL. Igualmente, dois desses três textos foram publicados no ano seguinte àquele no qual foram apresentados (o primeiro e o segundo). Desprendemos dessas observações o baixo alcance dos textos circulados nos âmbitos da Compós, do Intercom Regional e, particularmente, do Intercom Nacional e da SBPJor (dos quais nenhuma pesquisa se configurou como publicação) no que toca às publicações indexadas. Pensando nisso, questionamos quais são as palavras-chave mais recorrentemente usadas em tais estudos?

Nuvens de palavras-chave

Para dar conta dessa curiosidade elaboramos com a ferramenta em linha *Tagul* as imagens de 1 a 5 que contêm, respectivamente, as palavras-chave usadas nos textos circulados nos âmbitos da Compós, do Intercom Nacional, do Intercom Regional e da SBPJor. Na [Imagem 1](#) notamos que o vocábulo “jornalismo” aparece mais que o próprio “fotojornalismo”, usado como critério de seleção dos textos analisados. Além dele, “vídeo”, “fotografia” e “imersão” chamam atenção e nos possibilitam prever os rumos das pesquisas da Compós.

Na segunda nuvem, a do Intercom Nacional, notamos que “fotojornalismo” é o vocábulo que mais se destaca, seguido por “regime militar”, “Veja”, “Folha de S. Paulo” e por “Copa do Mundo Fifa 1970” em um reflexo claro do impacto dos textos sobre a força do fotojornalismo na configuração social e na problematização de temas ligados à esferas política, comunicacional e cultural das comunidades às quais se destinam; bem como da especificidade do DT 4 – Comunicação Audiovisual; GT Fotografia, propício à discussão particularizada do tema, conforme a [Imagem 2](#).

Na [Imagem 3](#) e no que toca ao Intercom Regional, os vocábulos que mais se destacam depois de “fotojornalismo” refletem a realidade brasileira como foco dos estudos e o nome de alguns veículos de comunicação, como o jornal *O Cruzeiro*. Além desses, “violência urbana”, “análise de imagem” e “rede” apontam para o impacto da imagem fotográfica jornalística na problematização de questões relacionadas à dor e ao sofrimento, bem como as redes produtivas anteriormente citadas, ou os coletivos fotográficos. Afinal, os textos com tal temática encontram-se aglutinados nessa instância de debate científico.

Já sobre a SBPJor, na [Imagem 4](#) “fotógrafos populares”, “sofrimento”, “teorias do Jornalismo” e “periferias culturais” se destacam além do “fotojornalismo”. Tal fato indica a predominância de pesquisas que confrontam, por exemplo, o fazer de fotógrafos independentes ao daqueles ligados à “imprensa hegemônica”; bem como à “moral”, à “Internet” e ao papel do “espectador” no ciclo produtivo de imagens fotográficas. Igualmente, a preocupação dos pesquisadores de refletir questões ligadas à epistemologia do campo jornalístico relaciona-se diretamente à abordagem do “sofrimento” e da “foto-choque” no contexto fotojornalístico tupiniquim, bem como à natureza do próprio evento.

Por fim, a [Imagem 5](#) reflete a nuvem global de palavras-chave extraídas dos 63 artigos científicos por nós analisados. “Fotojornalismo” é seguido por “sofrimento”, “periferias culturais”, “fotógrafos populares”, “teorias do Jornalismo”, “espectador”, “imprensa hegemônica” e pelo nome de alguns veículos de comunicação. Longe de dar respostas, essa imagem aponta para os caminhos possíveis para compreensão da produção científica do tema citados. Igualmente, cremos que as ponderações que disso decorrem ampliam os enfoques dados ao fotojornalismo como objeto de estudo.

4 CONSIDERAÇÕES E ENCAMINHAMENTOS

Dando continuidade à nossa busca, entendemos que os achados compartilhados neste texto nos permitem responder, mesmo que parcialmente, nosso problema de pesquisa. No que toca ao número de artigos científicos que se constituíram publicações indexadas, menos de 5% do total de textos circulados em eventos científicos podem ser apreciadas em revistas especializadas. Em que culminam os demais esforços para apresentação dos textos nos encontros e congressos? Da mesma forma, por que apenas pesquisadores do gênero masculino emplacaram suas pesquisas nos referidos periódicos? Seria essa uma coincidência? Não somos capazes de opinar neste momento.

Igualmente, o que tem sido feito com as demais investigações? E os debates no âmbito de cada evento sobre cada pesquisa, para onde vão e em que culminam? Seria esse um reflexo da qualidade do material, incompatível com a rigorosidade e maior competitividade para aceitação em periódicos com *qualis* mais altos? E por que as revistas *Discursos Fotográficos*, da UEL, e a *Galáxia*, da PUC-SP, são as únicas a publicarem os resultados decorrentes das discussões empreendidas nos eventos citados e no período delimitado?

Sobre o uso de análises comparativas na condução dos estudos, o alcance das mesmas é circunscrito, basicamente, à abordagem de veículos comunicacionais, práticas e rotinas produtivas e aos registros fotográficos em si. Notemos, pois, que dos 63 artigos científicos abordados cerca de 70% (44 textos) lançam mão de tal técnica, mas apenas um ultrapassa os limites acima citados.

Já os temas aos quais se ligam os estudos sobre fotojornalismo tupiniquim também se repetem... demasiadamente, inclusive. Guerras, política, esportes, conflitos sociais, tragédias, tensões, mais esportes, dor, sofrimento e, o que mais? Basicamente isso. Nada, ou quase nada, de questões relativas ao gênero, às desigualdades étnicas, às diferenças ideológicas religiosas, à orientação sexual dos indivíduos e a como isso tudo é (ou pode ser) tratado fotojornalisticamente nos veículos comunicacionais contemporâneos.

Para dar continuidade à problematização do tema, na Parte III desta pesquisa serão abordadas as principais obras e ideias usadas como referência para os estudos analisados, entre outros pontos. Até lá.

REFERÊNCIAS

AZOUBEL, Diogo. **NARRATIVAS FOTOJORNALÍSTICAS**: mapeamento dos textos apresentados entre 2010 e 2014 nos eventos científicos da Compós, da Intercom e da SBPJor-Parte I. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/regional/resumos/R53-1461-1.pdf>>. Acesso em 25 de maio de 2016.

_____. **Fotojornalismo na Compós**: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós- Graduação em Comunicação. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0824-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015a.

_____. **Fotojornalismo na SBPJor**: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte I. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centroeste2015/resumos/R46-0506-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015b.

_____. **Fotojornalismo na SBPJor**: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte II. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0826-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015c.

_____. **Fotojornalismo no Intercom:** análise comparativa dos artigos científicos apresentados nos congressos regionais de 2010 a 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1266-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015d.

_____. **Fotojornalismo no Intercom:** análise comparativa dos artigos científicos apresentados nos congressos nacionais de 2010 a 2014. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0955-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015e.

_____. **Narrativas Fotojornalísticas:** estudo comparativo do mapeamento dos artigos científicos apresentados nos congressos nacionais da Intercom (2010-2014) e SBPJor (2003-2014). Disponível em: <<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4756/1110>>. Acesso em 15 de maio de 2015f.

_____. **Reflexões fotojornalísticas:** mapeamento dos artigos científicos apresentados nos eventos científicos da Compós, da Intercom e da SBPJor. Disponível em: <<http://www.uniso.br/>>. Acesso em 15 de maio de 2015g.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MARTIN, George R. R.. **As crônicas de gelo e fogo** (cinco livros). Leya Brasil (Edição Digital).

MARTINO, Luís Mauro Sá. Trilhas de um espaço de pesquisa: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós. In: **Revista ESPM, Comunicação, Mídia e Consumo** (Online), v. 2, n. 31, p.159-177, maio/ago. 2014.

STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

Sítios e portais

<http://webscraper.io/>

<http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/>

<https://scholar.google.com.br>

<https://tagul.com/>

www.compos.org.br

www.periodicos.capes.gov.br

www.photos.google.com.br

www.portalintercom.org.br